

CONCURSO LITERÁRIO
“O TEMPO AO CONTRÁRIO”

TEMA

LIBERDADE



PALMELA

2021

Ficha Técnica

O Tempo ao Contrário – Concurso Literário
Copyright@2021 por Câmara Municipal de Palmela

Todos os direitos reservados

@desta edição 2021,
Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2954-001 Palmela
geral@cm-palmela.pt

Inclui textos de: Catarina Reis, Francisca Convento, Joana Silva, Lauro Elme, Leonor Carvalho, Lorena Nobre, Maria Rita Garcia, Matilde Matos, Patricia Inácio, Thais Almeida, Tomás Silva

Design gráfico e paginação: Jorge Ferreira e Jota Santos
Impressão e acabamento: Espírito de Papel
ISBN: 978-972-8497-77-4
Depósito Legal:

1ª edição: junho 2021
100 exemplares

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, eletrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.



Decorreu, de abril a junho de 2021, a 2.^a edição do Concurso Literário promovido pelo Município de Palmela que, este ano, se revestiu do nome «O Tempo ao Contrário», numa referência a um tempo impar, dissemelhante ao que até aqui havíamos experienciado.

À semelhança do saltitante e impaciente coelho da Alice no País das Maravilhas, com a crise pandémica provocada pela COVID-19, a nossa perceção do tempo ficou virada do avesso e passámos a sentir estar atrasados para continuarmos com a nossa normalidade, com as nossas vidas.

O concurso surge num momento de confinamento propositadamente associado à temática da Liberdade. Quisemos ver refletida a dificuldade que é sentirmo-nos condicionados nos movimentos, nas ações e na forma como podemos expressar as emoções e relacionarmo-nos com o outro. Através da palavra podemos dar nome, rosto e significados vários à liberdade... Ser livre em todas as dimensões da escrita é um exercício extraordinário.

O Concurso teve como modalidade o conto e pretendeu assinalar três datas de grande significado: 2 de abril – Dia Internacional do Livro Infantil; 23 de abril – Dia Mundial do livro e Dia 25 de abril – Dia da Liberdade.

Dirigido a maiores de 6 anos, contemplou três escalões (1.º dos 6 aos 11; 2.º dos 12 aos 17 e 3.º maiores de 18) e contou com a participação de 112 contos escritos em português, mas de várias proveniências do mundo.

Esta publicação reúne os textos vencedores e os 2.º e 3.º lugares de cada escalão.

Palmela, 9 de julho de 2021

O Vereador

Luís Miguel Calha

Luís Miguel Calha

Índice

Lista de premiados da 2.^a edição do Concurso Literário

1.º escalão (dos 6 aos 11 anos)

1.º lugar – A Liberdade, de Tomás Silva	9
2.º lugar – A Liberdade, de Joana Silva	11
3.º lugar – Liberdade, de Maria Rita Garcia	13
3.º lugar – A grande flor vermelha, de Matilde Matos	16

2.º escalão (dos 12 aos 17 anos)

1.º lugar – O orgulho de liberdade, de Leonor Carvalho	21
2.º lugar – Despertar, de Thais Almeida	25
3.º lugar – <i>Sem título</i> , de Catarina Reis	28

3.º escalão (mais de 18 anos)

1.º lugar – O outro lado da porta, de Patricia Inácio	35
2.º lugar – Derradeira liberdade, de Lauro Elme	39
2.º lugar – Sol quadrado, de Lorena Nobre	43
3.º lugar – Tia Teresa aterra em Marte – missão liberdade, de Francisca Convento	46

LIBERDADE

1.º escalão

(dos
6 aos 11
anos)

Texto vencedor



**Tomás
Silva**

A Liberdade

Era um dia normal numa cidade que ninguém sabia que existia. Era uma cidade presa e sem liberdade.

Ninguém sorria nem falava. Era tudo a preto e branco. O céu sempre daquela cor cinzenta, o Sol preto e as nuvens tão escuras que parecia que chovia.

- Vai chover? – perguntaram os habitantes uns aos outros.

- Não! – respondeu o Mestre daquela cidade tão triste e escura.

Naquele exato momento aconteceu uma coisa esquisita, não era cinzenta, uma cor nunca antes vista naquela cidade.

Era um raio de luz que caiu no chão. Pouco tempo depois, houve uma explosão de cores. Aquela cidade ficou cheia de cores. Os habitantes perceberam que havia outras coisas que desconheciam e descobriram a liberdade. A partir daquele momento ficaram livres para irem onde quisessem.

O tal Mestre ficou preso até aprender as boas regras. Muito tempo depois, o Mestre saiu da prisão. Todos ficaram com medo, mas ele anunciou:

- Calma! Eu fiquei bom. Só queria dizer que aprendi como a alegria e a liberdade são boas e todos devemos viver sem medo. Somos livres!

E todos os habitantes gritaram:

- Liberdade! Liberdade!

O Mestre ficou bom e tratou da cidade que agora se chama: Cidade da Liberdade.

2.º lugar



A Liberdade

Era uma vez há muito muito tempo, numa casa, uma menina vivia com a sua gaivota.

Um dia, a menina saiu de casa para ir ao mercado. Quando chegou, a gaivota tinha desaparecido e ela gritou:

- Gaivota! Gaivota! Gaivota!

Mas nada aconteceu. A menina foi procurar a gaivota noutros sítios.

Quando chegou a uma floresta, estavam lá três lenhadores e perguntou-lhes:

- Viram por aí uma gaivota?

Eles responderam:

- Não! E agora vai-te embora que estás a atrapalhar.

A menina assustada foi embora a chorar. Correu muito, mas já sem forças, encostou-se a uma árvore a chorar. Quando se acalmou, a menina não desistiu e pôs-se de novo a procurar.

Até que encontrou um idoso e perguntou-lhe se tinha visto uma gaivota e ele respondeu imediatamente que não.

A menina encontrou uma bruxa que tinha a gaivota. A bruxa malvada riu-se e exclamou:

- Ah! Ah! Ah! Eu tenho a tua gaivota!

- Liberta-a! – ordenou a menina.

- Nunca! – gritou a bruxa.

Quando a bruxa não estava a ver, a menina levou a gaivota para casa e percebeu que a gaivota seria mais feliz em liberdade e soltou-a. Assim, sempre que a gaivota quisesse podia voltar a casa. E voltava sempre.

A liberdade é o melhor caminho.

3.º lugar



**Maria Rita
Garcia**

Liberdade

Era uma vez um menino chamado Lourenço. O Lourenço era um menino como todos os outros meninos da sua idade, com 9 anos, era amigo dos seus amigos e gostava muito de brincar.

Um certo dia o Lourenço estava a falar com um amigo sobre a Liberdade, porque o seu professor lhes tinha dito para cada um escrever sobre o que era a liberdade.

Mas todos os meninos da turma ficaram confusos porque não sabiam o que era essa tal Liberdade.

Então o professor explicou o que era a Liberdade. Explicou o que era uma pessoa ser livre, ou seja dizer o que quiser, fazer o que quiser e ser o que quiser.

Todos os meninos ficaram a perceber o que era a tal Liberdade, menos o Lourenço.

Como o Lourenço não entendia o significado de Liberdade, o amigo tentou explicar-lhe outra vez, mas o Lourenço continuava sem entender o que era ser livre.

Quando chegou a casa, foi pesquisar no computador o que era a Liberdade e continuava sem entender. Já na sua cama, pela hora de dormir, o Lourenço continuou a pensar sobre a Liberdade, e pensou, pensou e pensou ainda mais.

O Lourenço sempre fez o que quis, sempre teve o que queria e sempre disse o que pensava, por isso não conseguia perceber a razão pela qual a Liberdade era tão importante para algumas pessoas.

De manhã, quando acordou, ainda estava mais confuso que no dia anterior, e já estava aflito porque era o único que não entendia o que era a Liberdade. Foi aí que o seu irmão mais novo foi ter com ele e lhe perguntou o que se passava, e o Lourenço contou-lhe a sua confusão e aflição.

O irmão agarrou num lápis, numa folha e começou a desenhar um menino feliz. De seguida foi mostrar o seu desenho ao Lourenço. Ao vê-lo o Lourenço percebeu de imediato o que era a Liberdade e quando chegou à escola disse ao professor: «A Liberdade é quando me sinto livre, é quando

estou com a minha família, quando estou feliz e quando vou à escola. Não me sinto livre quando não posso sair de casa e quando estou de castigo.»

O professor deu-lhe 100% no trabalho e o Lourenço a partir daí soube sempre o que era a liberdade.

3.º lugar



A grande flor vermelha

Numa bela manhã do dia 25 de Abril, o Dia da Liberdade, a mãe do Simão foi acordá-lo com uma flor vermelha no peito e disse:

- Acorda meu filho que hoje é Dia da Liberdade, o dia 25 de Abril!

O filho levantou-se da cama, tomou o pequeno-almoço e quando saiu de casa perguntou à mãe:

- Mãe, para que serve aquela flor vermelha que está na rotunda do Pinhal Novo?

A mãe respondeu:

- Filho, esta grande flor vermelha chama-se Cravo e simboliza o Dia da Liberdade.

O filho, curioso, perguntou à mãe se podia contar-lhe por que razão o cravo simbolizava o Dia da Liberdade e a mãe iniciou a explicação:

- No dia 25 de Abril de 1974, os vendedores de flores vendiam Cravos e uma senhora comprou um. A senhora ao ver militares com as espingardas, num ato simbólico e de paz, colocou o seu Cravo no cano da espingarda. O ato simbólico de colocar o Cravo no cano da espingarda, no que diz respeito à nossa revolução, fez com que essa flor se tornasse no símbolo da paz.

O Simão, confuso, perguntou de novo à mãe porque é que o Cravo ficou o símbolo da paz.

A sua mãe explicou-lhe que a senhora ao colocar o Cravo no cano da espingarda, simbolicamente, trocou o uso das balas pelo Cravo.

O Simão foi comprar um Cravo para ele. Aproveitou e passou na banca do seu pai Hugo que fez questão de oferecer o Cravo ao seu filho.

A meio da tarde o Simão fez uma banca, chamada a banca dos conhecimentos do dia 25 de Abril de 1974, o Dia da Liberdade, contou a muitas crianças a história do dia 25 de Abril de 1974.

A mãe orgulhosa, olhava para o filho que dava a conhecer a história do dia 25 de Abril de 1974 a outros meninos.

No final da história, o Simão dizia sempre:

- Temos de aproveitar a nossa liberdade sem magoar os outros, porque ainda há pessoas que não têm a mesma liberdade que nós!

LIBERDADE

2.º escalão

(dos
12 aos 17
anos)

Texto vencedor



O orgulho de Liberdade

O meu nome é Liberdade. Sim, Liberdade.

Até há pouco tempo não compreendia o porquê dos meus pais me terem dado tal nome, com tantos nomes para escolher logo tinha que ser este tão diferente de todos. Qual foi a ideia de me colocarem um nome tão estranho?

Não é fácil ter este nome, no recreio os meus colegas riam-se de mim e chamavam-me as mais variações e derivações que do meu nome possam imaginar. Não admira que tentasse passar despercebida entre todos, porém todos os dias faziam questão de me lembrar do fardo que carregava.

Já era difícil chamar-me assim, e o facto de não ter outra opção como o João Pedro que preferia que lhe chamassem somente Pedro, eu não tinha essa sorte, sou só e apenas Liberdade.

Estes pensamentos realmente inundavam a minha cabeça e deixavam-me muito infeliz, até ao dia em que decidi partilhar tudo o que me aborrecia com a minha avó Joana.

Como sempre, estava sentada na sua poltrona observando um casal de jovens a passear pelo bairro, tinha um sorriso saudoso mas não parecia triste. Sentei-me a seu lado e encostei-me ao seu ombro. Quando reparou na minha presença, tapou-me logo com a manta que lhe cobria os joelhos, dizendo:

- "Filha, tens que te agasalhar se não ainda ficas doente", disse enquanto me aconchegava no seu colo.

- "Avó", disse eu, "não compreendo os meus pais, não gostam de mim. Como puderam dar-me um nome destes, é tão estranho e na escola todos se riem dele!"

A minha avó, com olhos rasos de lágrimas e um sorriso nos lábios, disse-me:

- "Vou contar-te uma história, a história do teu nome e espero que me perdoes, pois eu também tive influência na escolha".

Endireitou as costas, já curvadas pelo tempo, e começou: "Tu não conhecestes o teu avô Tomás, pois não? Era um homem de valores e grandes causas. Um homem que acreditava numa sociedade melhor, mais justa e

que sonhava com o fim da ditadura no nosso país. Um homem que deu a vida pelo seu sonho: a Liberdade.

Um dia estava no café com uns amigos e apareceu a PIDE, a polícia do regime de Salazar, que o levou à força para a prisão. Alguém o tinha denunciado, alguém os tinha informado dos ideais do teu avô e da ligação que tinha às forças de resistência a esse regime.

Na prisão foi torturado das mais variadas maneiras com a intenção de conseguirem obter informações sobre outros elementos que como ele resistiam, locais onde se reuniam, ou qualquer outra informação que lhes possibilitasse prender mais pessoas. O teu avô foi um homem de grande honra e coragem, morreu, não resistindo aos maus tratos sofridos, sem nunca ter denunciado nenhum dos seus companheiros, ou ter deixado escapar qualquer palavra. Morreu sem ver o seu sonho concretizado.

Por isso, o 25 de Abril para mim e para os teus pais é uma data de comemoração não só da Democracia, mas sobretudo do sacrifício do teu avô e de todos aqueles que deram as suas vidas pela nossa Liberdade.

Assim, em memória ao teu avô, os teus pais sugeriram que te chamasses Liberdade, desculpa por não me ter oposto a essa ideia, achei que era uma linda homenagem e não pensei nos reflexos que podia ter para ti. De facto não é nome para uma menina da tua geração.” Concluiu.

A minha mente parou por poucos segundos, não conhecia a história do meu avô, talvez nunca tivesse tido interesse, talvez não me tivesse preocupado o suficiente para a ouvir antes. Esforcei-me para conter as lágrimas mas foi em vão, foram escorrendo uma a uma pelo meu rosto, com a voz embargada, de quem tentava conter o choro, disse:

- “Avó, obrigada por me teres contado a história da origem do meu nome. Tenho muito orgulho em carregá-lo. Só tenho pena de não ter conhecido o grande homem que foi o meu avô.”

Abracei a minha avó, igualmente em lágrimas, e enquanto estava entrelaçada em seus braços tive a sensação que alguém nos abraçava também. A minha avó disse que devia ser da corrente de ar, mas prefiro pensar que foi o meu avô que continua a olhar por todos nós.

A partir desse dia percebi o verdadeiro significado do meu nome, e em vez de ter vergonha e pensar nele como um fardo, carregoo-o, agora, com

orgulho e sei que tudo aquilo que tenho, que posso fazer, decidir, escolher e dizer é graças ao meu avô e todos aqueles que tal como ele lutaram e sacrificaram as suas vidas por essa Liberdade, que aos olhos da minha geração é tão banal.

Hoje orgulho-me e faço questão de dizer alto e em bom som:

"O meu nome é Liberdade. Sim Liberdade!"

2.º lugar



**Thais
Almeida**

Despertar

O céu estava em um tom cinzento, as nuvens apagavam o sol e anunciavam a chuva que viria. Havia muito tempo em que nem ao menos uma gota escorria pela calçada ou regava a grama. O dia permanecia desanimador e monótono.

As pessoas andavam de um lado para o outro, mas nada lhes atentava o olhar. A única coisa que ainda contentava era o leve som das folhas dançando, vertendo na direção do vento, se espalhando pela rua, levando para longe o cata-vento da menina que passava. Era um som que se sobrepunha ao barulho dos carros e da agitação humana, trespassando os ouvidos e consolando o coração.

Na calçada passava uma mulher de cabelos castanhos e longos, mas que sempre preferia prendê-los em um coque para não chamar atenção. A boca avermelhada se destacava no rosto delicado. O casaco e a saia azul-marinho indicavam que ela trabalhava como recepcionista em um hotel da cidade. Nas mãos, segurava uma pasta com papéis que ainda não foram transcritos. Seguia resoluta pela rua, em direção a uma casa pequena que ela chamava de lar.

Acelerou os passos ao vislumbrar uma tempestade que se formava, principalmente ao perceber que esquecera o guarda-chuva em cima da mesa.

Ao chegar em casa, tirou o casaco que lhe incomodava e o acomodou na cama arrumada. Colocou o bule de chá no fogão e esperou até a bebida ficar pronta. Enquanto terminava de ver suas coisas, olhou pela janela e viu a chuva que escorria interminavelmente, embaçava o vidro da janela e inundava a rua. O chuvisco logo tornou-se mais acentuado, descendo com grande força, intensificado pelo vento sobre os galhos das árvores. Ainda com os olhos fixos na janela, percebeu que a tempestade era tão turbulenta quanto os pensamentos em sua mente.

Sentou-se à mesa com a xícara de chá, tomando em lentos goles que desciam arranhando a garganta seca. Pegou os biscoitos que havia feito no dia anterior, tentando reencontrar o doce gosto da infância que se perdera.

Constantemente seus olhos se viravam para a chuva, que se instaurava

do lado de fora, caindo em torrentes pela rua, envergando os galhos das árvores e dispersando ainda mais as folhas de outono.

Seus pensamentos escoavam para longe dali e ela se transportava para os dias em que brincava sobre a cortina de chuva. Lembrava da água escorrendo pelo rosto e inundando as galochas azuis. Seus olhos se tornavam um azul profundo, brilhando com a cor vibrante das botas.

As lágrimas caíram lentamente pelas bochechas e ela sentia as gotas na ponta dos lábios. A partir das lembranças, seu olhar se transfigurou em tempestade, escorrendo como a chuva torrencial.

A casa pareceu tão pequena e vazia, ela ansiou sair dali, almejando viver despreocupada como antes. Um aperto tomou conta de seu peito e ela decidiu abrir a porta. No entanto, manteve um passo atrás do batente, insegura de sair do conforto do lar. Ela andou um pouco, soltou os cabelos e reacendeu um pinga de coragem.

As gotas vertiam por sua pele e impulsionavam alegria para o seu coração. Enfim sentiu a liberdade de se permitir ser ela mesma. Era como despertar após anos dormindo. Começou a dançar na chuva e um sorriso se formou no canto da face. Por um instante ela respirou profundamente, sentindo a felicidade lhe inundando, pura e simples.

3.º lugar



Mais uma manhã chegara a Cabanas, uma pequena vila com poucas crianças e reconhecimento. Para os demais era apenas mais uma manhã quente de primavera, mas para Emma era mais um dia presa naquela casa.

Emma era, aos olhos de todos, apenas uma adolescente normal, educada, bonita e inteligente. Ela era vista como um modelo a seguir e alguém merecedor de confiança. O seu riso era contagiante e vê-la em baixo, por qualquer motivo, era raro, daí se achar que a sua vida era perfeita. A verdade é que a sua vida estava longe de ser perfeita, e a sua reputação de ser a luz que iluminava qualquer espaço, mudava drasticamente quando se encontrava em casa. Para os seus colegas, e quase todas as crianças, a escola era um fardo mas, para ela, era um abrigo. Enquanto todos passavam o dia a contar as horas para voltar para casa, ela pensava na sua sorte de poder passar tanto tempo rodeada das pessoas incríveis que conhecia.

Todas as complicações na sua vida começaram com a sua mãe, Ana, que também se sentia presa, mas nos seus próprios vícios degradantes. Tudo parecia bem para os que não viam a verdade daquele distúrbio e as consequências que trazia para a família de Emma. “É uma festa é normal exagerar um bocado!”; “Todos nós bebemos um pouco demais hoje!”; “Uma vez ou outra não faz mal.” Estas foram algumas frases que ela foi ouvindo ao longo dos anos, vindas de diversas pessoas, normalmente amigos de sua mãe que se recusavam a aceitar ou ver esse problema. Mas não era só uma vez ou outra, não era só em festas ou ocasiões especiais. Era constante e só Emma, o seu pai e a sua irmã realmente sabiam disso. Havia muitos anos que isto tinha começado, tantos que já nenhum se lembrava ao certo. Porém, havia coisas que nenhum conseguia esquecer.

Durante os seus quinze anos de vida, Emma presenciou muitos episódios traumatizantes causados pelo vício da mãe mas, entre esses, uma noite destacava-se. Como era de esperar, o seu pai, Luís, já estava cansado de tudo aquilo, mas o amor que sentia pela sua família fazia-o continuar. “Cada um tem a sua cruz!”, dizia ele para Emma e sua irmã. O problema estava no seu comportamento: ele tinha-se tornado mais amargo e nada que ela fazia parecia fazê-lo satisfeito ou orgulhoso.

Sem conseguir lidar com tudo isso, quando tinha apenas treze anos, Emma,

entrou numa fase difícil: roubava dos pais, mentia e tinha-se distanciado de tudo e de todos. Uma noite chegou a casa, pegou em caixas de comprimidos e tomou até se sentir tonta e já não se conseguir manter em pé. Despediu-se apenas das suas melhores amigas, pois naquele momento só conseguia pensar em como as estava a falhar, escolhendo uma opção que parecia tão mais fácil. Felizmente, elas conseguiram chamar ajuda a tempo e salvaram-na.

Após esse dia, Emma, achou que tudo ia melhorar, mas acabou vendo a vida piorar drasticamente. Foi a diversos médicos pois os seus pais, desesperados, queriam consertá-la, mas nem uma única vez lhes passou pela cabeça que eles eram parte do problema.

Custava-lhe saber que tinha causado tanta dor e sofrimento aos seus amigos e família mas, o que não esperava, era que o comportamento dos seus pais piorasse, especialmente da mãe. Naquela noite tudo parecia "normal", eles tinham os quatro ido jantar a um restaurante, não muito longe da sua casa, e, mais uma vez, exageros aconteceram. Muitos episódios tinham ocorrido após a sua tentativa (mesmo tendo apenas passado um mês desde que acontecera) mas nada como este. Este foi algo que a afetou de uma maneira que nem ela esperava e fez com que ela sentisse uma dor que nunca tinha sentido e que nunca mais ia sentir. Tudo o que se consegue lembrar dessa noite são imagens sem som e mais alguns pormenores insignificantes. Não sabe como começou pois, na viagem de volta para casa, estava tudo calmo. Mas, no momento em que entraram, tudo mudou. Começaram os gritos e, apesar de o seu cérebro a impedir de se lembrar das palavras exatas para impedir de a fazer sentir o mesmo trauma, ela sabe que estava sozinha. Naquele momento ninguém a ajudou. Teve que ouvir tudo sem chance de se poder defender. O que mais a afetou nessa noite foi o seu pai, que apenas participava nas discussões mais graves. Ninguém devia ouvir o que Emma ouviu nessa noite, especialmente vindo de sua mãe, mas o saber que o pai simplesmente ignorou a situação (mesmo vindo a saber mais tarde que a sua irmã lhe tinha ido pedir socorro) foi o que mais a magoou. Ela nunca recebeu uma desculpa de nenhum dos dois por isso, mas, honestamente, sabia que não faria diferença, pois duvidava alguma vez conseguir perdô-los.

Com os seus quinze anos feitos e passado um ano desde essa noite, Emma continuava igual, isto é, a sua saúde mental não tinha tido grandes

mudanças. Sentia-se constantemente uma desilusão, que nunca seria capaz de agradar os pais e, acima de tudo, a si própria. Os ataques de pânico tinham aumentado e eram constantes. Porém, a sua capacidade de os esconder estava melhor. O seu grupo de amigos tinha sofrido algumas mudanças e a verdade é que, mesmo conhecendo alguns apenas há poucos meses, sentia um grande carinho por todos. Nada lhe custava mais do que não lhes dizer que tudo continuava igual ou se calhar até pior, mas a última coisa que queria era ser um fardo. Claro que sabia que eles a ajudariam sem pensar duas vezes, se ela pedisse, mas o sentimento de pena e compaixão era algo que desprezava e muitas vezes a fazia sentir pior. Não queria ser a rapariga que não consegue conter o choro e que tem, pelo menos, um ataque de pânico por semana.

Eu sei que sou apenas a narradora da história desta rapariga tão especial, mas eu daria de tudo para lhe dizer o futuro que a espera. Este sentimento de se estar a afogar nos seus problemas e de estar presa naquela vida sem qualquer possibilidade de fugir... gostava de lhe dizer que tem um fim. Gostava de lhe dizer que todos os seus sonhos se vão concretizar e que ela conseguirá ser verdadeiramente feliz. Eu vi o seu futuro e vi o quanto ela trabalhou e se dedicou para o alcançar e é com grande dor que vejo o seu “eu” presente ainda preso na noite da sua tentativa, pensando o que seria se não tivessem chegado a tempo.

Ninguém gosta de spoilers, mas, meus queridos leitores, vocês merecem saber as surpresas que esperam a nossa querida Emma, que, de momento, se encontra repleta de sonhos mas pouca esperança.

Durante três anos, Emma estudou e dedicou-se para conseguir atingir excelentes notas e uma média final de décimo segundo ano de dezoito valores. Conseguiu entrar na universidade que pretendia e durante os anos seguintes tirou o curso de Criminologia na Universidade do Porto. Esforçou-se também para juntar o seu próprio dinheiro, de maneira a ser mais independente no futuro, trabalhando desde o seu décimo ano: começou com o ensino de algumas horas de explicações de inglês por semana, depois passou para trabalhos simples de verão e, durante os seus anos na universidade, foi trabalhando em diferentes locais em part-time. Parecendo impossível, ela conseguiu, mesmo assim, equilibrar o seu tempo de estudo, de trabalho e de eventos sociais com amigos.

Apesar de ter conseguido uma certa liberdade no Porto, Emma sabia que

não era o suficiente e que o que necessitava tão desesperadamente, há tantos anos, era um novo começo, uma nova vida, um novo país. Por isso, desde o final do seu décimo ano começou a ter duas horas semanais de japonês, sendo já fluente no fim dos seus anos universitários. Ela informou-se sobre bolsas para mestrados no Japão e encontrou uma perfeita para ela, que, mesmo sem o apoio ou esperança de muitos, conseguiu. Com o dinheiro que tinha armazenado, conseguiu sustentar-se sozinha durante o tempo do seu mestrado, precisando apenas de alguma ajuda dos pais para as propinas.

Emma tinha começado a informar-se sobre o Japão e a possibilidade de ter uma vida lá há muitos anos e, apesar de muitos dizerem que era só uma fase, ela trabalhou o suficiente e conseguiu alcançar esse seu sonho. Conseguiu provar o seu verdadeiro potencial, não só aos outros mas, mais importante, a si mesma. Arranjou um trabalho que a faz feliz pouco após o mestrado e mudou-se definitivamente para uma simples, mas linda vila. Conheceu inúmeras pessoas novas que levou para o resto da vida e não perdeu contacto com os que lhe eram mais queridos em Portugal. Continuou a falar com a família, fazendo visitas todos os anos, mas nunca chegou a contar aos seus pais o que eles a tinham feito passar. Arranjou também uma nova família lá, e deu o seu melhor para dar aos seus filhos a infância que nunca teve a possibilidade de ter, tendo sempre a ajuda do seu melhor amigo e marido, que foi das primeiras pessoas que conheceu durante o seu mestrado e que sempre a apoiou.

Gostava de lhe poder dizer que tudo isto vai acontecer, tal como gostava de vos falar sobre o vosso futuro mas, infelizmente, não tenho essa capacidade. Porém, consigo vos dizer que, tal como a Emma não desistiu e continuou a lutar pela sua liberdade e felicidade, vocês também têm de o fazer. Ela concretizou todos os seus sonhos e foi mais feliz do que alguma vez pensou que seria. Apesar de tudo o que passou em criança e adolescente, e todo o seu trauma passado, ela agora agradece todos os dias por ter sido salva naquele dia e ter continuado sempre sem desistir. Espero que a história da Emma vos inspire a seguir os vossos sonhos e que vos mostre que nada nem ninguém nos pode impedir de os alcançar.

LIBERDADE

3.º escalão

**(mais
de 18
anos)**



Texto vencedor



O outro lado da porta

É sempre a mesma rotina, o mesmo ziguezaguear de ruas, as mesmas caras, as mesmas refeições, cada dia igual ao outro. Quem diria que eu, Hélder Delgadinho, me iria aborrecer da velocidade a que a minha vida andava, da euforia da grande cidade, das buzinas no trânsito, o café quente de manhã. Quem diria?

A verdade é que tudo continuava igual, mas já nada era o mesmo. A comida já não sabe ao que sabia, as pessoas já não conversam como conversavam, a vida andava, mas tudo estava parado numa incerteza de tudo já não ser nada.

Ouvia-se nas notícias, na rádio e em todo o lado. Um vírus que atormentava a vida na China. Os murmúrios da cidade gritavam que se avizinhava uma desgraça e que não sairíamos ilesos... e eu a queixar-me da rotina.

Bem dito, bem certo. A desgraça pandémica chegava e o pânico instalava-se, e eu que achava que a cidade não poderia ser mais agitada. Afinal, enganei-me.

Era um conceito novo, começava a afetar todos os seres humanos ao redor do globo. O uso de máscaras cirúrgicas e álcool em gel começara a fazer parte da rotina, uma rotina diferente da qual todos estavam habituados, inclusive eu. O toque tinha de ser evitado ao máximo, devíamos cumprir um distanciamento social para segurança de todos. Nunca ninguém imaginaria, há meses atrás, que estaríamos agora perante uma pandemia, de proporções enormes, semelhante à gripe espanhola.

Se eu achava que estava mau, agora é que estava mesmo terrífico, digno de lugar de honra cinematográfico na categoria terror. Passámos de algumas medidas restritivas e fora do comum para um isolamento de tempo indefinido, apenas com pequenas exceções, como ir ao supermercado comprar bens essenciais.

Já não podia ver as mesmas caras de sempre, almoçar nos mesmos restaurantes de sempre, nem se quer percorrer o mesmo caminho para o trabalho. Tanto me queixava da rotina que tinha, que recebi uma nova, e só assim percebo o quão triste é uma rotina entre quatro paredes. Estava impedido de ver o outro lado da porta.

Para além de me ver afastado da minha antiga realidade, vejo-me afastado daqueles que mais amo, da família, amigos, colegas, professores. Nunca pensei que sentiria saudades das salas frias e escuras daquela universidade, das noites a estudar, das tardes na biblioteca à procura de livros que me ajudem nos meus trabalhos. Só damos realmente valor a algo quando o perdemos e eu senti isso na pele.

Dias inteiros em casa eram propensos a uma chávena de café no sofá e pijama quentinho. Já pouco interessava o clima, se iria sempre vestir pijama e ficar da parte de dentro da casa.

Tive finalmente oportunidade para ver todos os filmes da minha lista, ver e rever as melhores séries, cozinhar inúmeras receitas, ouvir todas as minhas músicas preferidas e o confinamento ainda não acabou. O que irei inventar a seguir?

Amanhã vão começar as aulas online, a única solução possível para continuar a universidade nesta situação. De todo, não me sinto preparado para algo assim. Vai ser uma espécie de videochamada, mas com os professores e colegas, em vez de com os amigos a jogar. Que a diversão comece.

Após alguns dias neste registo, concluo que se não gravar as aulas, não irei aprender nem um bocadinho. Se já era difícil compreender tudo presencialmente, agora então, era quase impossível.

Os dias foram passando, e finalmente chegam os gloriosos dias do desconfinamento. Irei voltar ao meu escritório pequenino, onde pratico o que aprendo na faculdade. Porém, as aulas ainda permanecerão à distância, devagar chegamos lá. Só agora me apercebi que vou ter que escolher roupa que não seja pijama... o hábito leva-me a isto.

A melhor parte de desconfinar, é a de ter a possibilidade de voltar a ver a minha família e amigos, que não por trás de um ecrã. Liguei ao meu avô José, pois devia-lhe uma visita e uma ajuda em casa, que ele me pedira pouco antes de sermos presos domiciliários.

O senhor meu avô, José para quem o seu nome sabe, abriu-me a porta com o maior sorriso que alguma vez vira naquele rosto ossudo. A guerra onde estivera antes de eu se quer ser um plano, estragou-o, muito, pensei que já não soubera sorrir, até hoje. Bem dito seja o desconfinamento, a liberdade.

Finalmente tivemos tempo para toda a troca de palavras que necessitá-

vamos. Preparou-me para o almoço o meu prato preferido, vejam só das coisas que ele se lembra.

Sentámo-nos à mesa e começámos a falar, da minha solidão, da solidão dele, da solidão que todos deveríamos estar a sentir. "Finalmente temos liberdade, depois de tanto tempo presos em casa " – exclamei, o meu avô levanta a sobancelha, encara-me com um ar incrédulo. "Sabes lá tu o que é estar preso, neto. Tu sempre pudeste votar, receber um ordenado minimamente digno, dar a tua opinião sem medo de ser preso e até torturado. É verdade que não será tudo perfeito, mas para mim, isto está longe da falta de liberdade a que fui sujeito antigamente."

Na altura fiquei sem resposta para lhe dar, apenas acenei com a cabeça. Mais tarde, percebi que realmente o meu avô estava certo. Tudo isto não se tratava de uma questão de liberdade, mas sim de nos precavermos de forma a não comprometermos a nossa saúde.

De acordo com o conhecimento histórico que obtive, antes do 25 de abril, não existiam turmas mistas, não havia liberdade de expressão, não havia direito ao voto livre, eram proibidas associações ou reuniões de pessoas para discutir ideias, entre outros. Até parece que nesta altura as pessoas teriam medo de respirar.

Apesar de ver algumas das minhas liberdades condicionadas, após conversar com o meu avô, pude perceber que isto apenas acontecia por um bem maior, a saúde. Para além disso, de qualquer das formas, fui muito mais livre na quarentena do que as pessoas eram antes do 25 de abril. Viva a liberdade!

2.º lugar



Derradeira Liberdade.

Uma carta da primeira guerra.

Agosto de 1917.

... Pai meu, mãe querida, devo despedir-me. Escrevo atrás da carta que tu mandastes, com um lápis que encontrei no bolso de um soldado morto. Eu também estou morto. Uma bomba inimiga explodiu perto de mim e com o choque deitei-me inconsciente por muito tempo. Fui dado como morto por meus pares. Jogaram-me numa pilha de cadáveres, muito distante da nossa base. Acordei sem sentir meu corpo e só posso mover o braço direito. Alguém arrancou de meu pescoço a placa de identificação. A mesma que o senhor, meu pai, receberá com os agradecimentos do exército por enviar seu jovem filho para o inferno. Por isso estou morto. Ninguém virá em resgate. Meu breve destino é apodrecer nesta pilha de soldados mortos.

... Ignoro há quanto tempo estou aqui. Não consigo gritar por socorro, com certeza por causa da explosão. Ainda que gritasse, ninguém ouviria minha voz por sobre os tiros e explosões que parecem não ter fim. Não sinto dores, apenas um vazio. Acho que assim é a morte, um enorme vazio sem fim. Assim também deve ser a liberdade. Tu não podes imaginar, mãe adorada, o que o homem é capaz de fazer ao homem. Deito-me sobre cadáveres que aqui estão há mais de um mês, alguns eu ajudei a trazer. Meu uniforme está manchado do sangue de muitos companheiros, além do meu próprio. Há piolhos, vermes e ratos, muitos ratos. O cheiro da podridão toma o ar. Os homens que fazem a guerra em seus gabinetes, deveriam sentir este cheiro. Deveriam deitar ao meu lado, neste leito de seres humanos apodrecidos.

... Acordei com ratos andando sobre o meu rosto, tentavam comer meus olhos. É assim que fazem. Primeiro comem olhos, a parte mais macia dos cadáveres, depois entram e devoram os soldados de dentro para fora. É impressionante ver como esticam seus corpos para entrar pelos olhos e pela boca. Vi o ventre de um cadáver inchar como a de uma mulher grávida, então a pele fina e apodrecida rompeu-se deixando sair o som sibilante de gases. Pela abertura, surgiram dezenas de ratos gordos e saciados. Sei que isso acontecerá comigo também, não conseguirei afastá-los por muito tempo. Mas não deixarei que me comam os olhos.

... No acampamento nosso segundo inimigo eram os piolhos. Passávamos horas tentando, em vão, tirá-los das roupas. Tínhamos o corpo todo ferido pela violência com que nos coçávamos na tentativa de conseguir algum alívio. Muitas vezes usávamos a baioneta para coçar a cabeça. Eu preferia enfrentar o exército alemão ao exército invisível das pragas que habitavam as trincheiras. Tínhamos ratos também, mas eram em menor número e fáceis de matar, pelo tamanho. Raramente nos atacavam, sua preferência eram por nossas provisões. Aqui, no entanto, neste cemitério, os ratos proliferam à vontade. Não possuem inimigos, a não ser eles mesmos. Às vezes brigam entre si com uma violência só comparada à dos homens. Ao final, o derrotado é devorado pelo vencedor. São como nós.

... Consegui erguer um pouco a cabeça e, com o canto dos olhos posso ver dois ratos comendo meu pé esquerdo, ferido na explosão. Não posso senti-los, mas também não consigo afastá-los. Gostaria de conseguir apoio para me arrastar para fora desta pilha de cadáveres. Sei que meu sangue quente logo atrairá outros ratos. Serei devorado vivo e não posso evitar isso. Escrevo sobre o peito, por isso não sei se entenderão minhas palavras, porque não posso ver o que escrevo, o que posso fazer é continuar escrevendo, pois isso me faz pensar no senhor, meu bondoso pai e na senhora, minha mãe. Posso ver nossa casa de porta e janelas azuis, posso sentir o cheiro do café e até ouvir os latidos do Faisca no quintal.

... Perdão meu querido pai, minha amada mãe, se algum dia os fiz chorar, se algum dia fui áspero e teimoso, como o são os jovens.

... Agora outros juntam-se aos dois que devoravam-me os pés. Toda minha perna esquerda está agora tomada por ratos. Rasgam minhas roupas para chegar à carne. Não quero pensar na agonia que passarei quando chegarem à minha cintura, meu tórax, meu rosto. Parece que escrever é uma forma de adiar o inevitável. É como se, enquanto não escrever, o fato não acontecerá. No acampamento, chamavam-me jornalista, pela facilidade que tenho com as palavras. Soldados e oficiais pediam-me para escrever cartas para suas esposas, namoradas e mães. Hoje escrevo a vocês meus pais, a carta derradeira de minha vida.

... Desculpe se a ofendo minha mãe, mas deitado sobre esses soldados mortos, alguns tão jovens quanto eu, é difícil acreditar que exista um Deus. Se existe, certamente abandonou-me, enojado de ver a crueldade humana.

... Há pouco encontrei um capacete ao meu lado e atirei em direção aos ratos que devoram minha perna. Assustaram-se, não estão acostumados a verem sua presa reagir. Porém, logo voltaram. A fome supera o medo. Quando não puder mais escrever, colocarei a carta em minha boca, na esperança que algum soldado a encontre, quando vierem jogar os novos soldados abatidos neste cemitério a céu aberto. Os corpos são abandonados aqui porque os soldados não têm força ou tempo de cavarem covas. Não são jogados no rio porque poluiriam a água que bebem, nem queimados para não revelar a posição ao inimigo. Por isso apodreço nesta pilha macabra, deitado de costas e olhando para um maravilhoso céu azul como o céu do meu país.

... Confesso que tenho medo mãe. Os ratos chegaram à minha cintura e começam a atacar meu ventre sem que consiga afastá-los. Tenho medo, mãe. Queria estar agora com a cabeça em seu colo, como ficava quando doente em criança. Qualquer remédio amargo ou dor pareciam sumir quando ficava assim, ouvindo suas canções e sentido seu carinho. Seria mais fácil enfrentar este destino ouvindo suas canções uma última vez, amada mãe.

... Já abriram um buraco, os selvagens, posso vê-los lutando para chegarem às minhas entranhas. Não posso evitar, impotente que estou. Não existe esperança. Estou preso a esta podridão, apodrecendo em vida. Deliro, com frio, com fome e sede. Ratos passam ao meu lado com pedaços do meu corpo dentro de seus ventres gordos e peludos. Tenho medo, tenho medo. Adeus pai amado, Adeus minha mãe adorada. Peço para morrer logo. Peço para alcançar em breve minha derradeira liberdade.

... Obrigado querida mãe, começo a ouvir sua voz, sua canção.

2.º lugar



Sol Quadrado

Todos os dias eram iguais atrás daquelas grades.

Ele sentia o sol nascer e acordava junto o dito cujo quase sempre no mesmo horário; quando não, era o próprio João quem despertava antes do astro rei. Se pedissem para explicar ele não saberia ao certo como, mas já tinha algum tempo que sua vida se tornara daquele jeito. Algumas pessoas dizem que “essas coisas acontecem mesmo”, que “era pra ser assim” ou que “foram as circunstâncias da vida”, como se fosse uma justificativa de lei natural das coisas.

De vez em quando, ele se pegava sonhando com aquela sensação de liberdade que tinha guardado em algum lugar da memória: se imaginava numa cachoeira com todo mundo que conhecia ao seu redor; via a água caindo tão forte que parecia estar em câmera lenta; ouvia os sons da natureza com os quais lembrava de ter se acostumado. E as frutas? Ah, as frutas! Ele recordava com maestria o sentimento de saborear aquelas delícias do pé, era uma gama de possibilidades.

Agora, nada mais é do que a mesma comida sem graça todos os dias, sem gosto, sem prazer, sem memória ou afeto, que uma moça de cabelos loiros longos e feição surpreendentemente agradável o levava quase todos os dias – quando não era ela, era um rapaz de cabelos escuros de estatura abaixo da média; ele não saberia dizer qual era o critério. Era uma das coisas que João mais sentia falta de escolher, além é claro, da liberdade em si. De poder zanzar por aí desbravando o mundo, sem saber exatamente qual seria o próximo destino, sem ter hora ou dia para chegar. Sem um espaço físico que delimitasse o tamanho da sua vontade ou pessoas que te impedissem.

Chegava num ponto em que ele não sabia distinguir dias, horários, épocas do ano. Parecia apenas conhecer aquela impressão de sentir o tempo passando sem saber que horas são, sem ter ideia de quando aquela situação teria fim – se é que teria um. Se conseguisse descrever, ele diria que era algo parecido com angústia. Não. Como um grito engasgado e rouco que não consegue sair, como um canto que fica preso na garganta porque a voz não tem mais força.

Encarar aquele mesmo cenário todos os dias, com aquelas mesmas pessoas que afirmavam ser uma família, mas que nem isso ele saberia mais reconhecer. Mãe, pai, filhos. Será que um dia ele teria filhos? Não tinha como saber, o que ele sabia era tudo o que já conhecia, não tinha espaço para devaneios.

Por vezes, conseguia até ouvir o mundo lá fora, o mundo com o qual tinha se acostumado, para o qual ansiava e ainda tinha esperanças de voltar. Ele tinha vontade de conhecer uma parceira, construir sua própria casa e sua própria felicidade, sem que ninguém lhe dissesse o que fazer e quando fazer. Outras vezes, era o mundo lá fora que o ouvia quando chorava um choro fino.

Queria mesmo era bater asas daquele lugar, como tinha nascido para fazer. Voar alto, o mais próximo da cor azul do céu que pudesse chegar ou voar tão baixo que seria capaz de sentir respingos das ondas do mar. Cantar com os outros pássaros, numa harmonia que somente a liberdade da natureza tem condições de promover. Voltar para seu habitat e vagar livre, sem que nenhuma grade te prenda, limite ou te impeça de ver o sol exatamente do jeito que ele é.

3.º lugar



**Francisca
Convento**

Tia Teresa Aterra em Marte - Missão Liberdade

Faz hoje um ano. Recordo o dia em que recebi aquele telefonema, que ninguém queria receber. Já sabíamos que a tia Teresa estava por um fio. Ou por uma linha reta. Das que ela desenhava, a torto e a direito. Mais a direito, convenhamos. Todos nós adorávamos a tia Teresa. Mais do que uma mãe para nós os cinco (três irmãos e duas irmãs), tinha sido ela a nossa grande mentora, a nossa fonte de inspiração. Ao longo dos anos, fizera de nós homens e mulheres livres, bem-criados, educados, com bom nome na terra e na consideração das pessoas. Nunca fomos ricos. Éramos extremamente milionários. Fomos adotados e ganhámos nesse dia a lotaria do Natal. Os nossos pais haviam falecido nessa mesma data; véspera de Natal, num acidente de carro quando regressavam das compras no Grandella e a tia Teresa, irmã do nosso pai, solteira, professora de belas-artes e proprietária de uma casa apinhada de livros franceses, litografias e jarras altas com girassóis teimou em ficar connosco, porque não tínhamos mais família e porque, na verdade, mais ninguém nos queria. Quis-nos a tia Teresa.

Contava feijões em cima da mesa da sala para nos ajudar na matemática e para nos ensinar a contar dinheiro, a contar com os outros e a contar histórias. A minha tia contava histórias, a contar feijões. Artista de longos e bonitos cabelos, voz bem colocada e dedos das mãos espantosamente compridos, a tia Teresa tinha um jeito enorme para inventar, para desenhar e para nos dar a volta com histórias que não sabemos como, nos levavam a fazer o que menos nos apetecia fazer; pôr a mesa para o jantar, dar banho ao cão que não existia, fazer as tarefas da escola ou pastar caracóis. Respondíamos sempre de forma positiva e colaborativa àquele magnetismo e jeito único de saber mandar fazer.

Crescemos todos na casa da tia Teresa, com *A Liberdade Guiando o Povo*, do Delacroix, no *hall* de entrada e a certeza de que tudo é possível de ser feito ou alcançado. A tia Teresa fez-nos acreditar que tínhamos duas cabeças – já que “duas cabeças, a visível e a escondida...” – dizia ela – “...é sempre melhor do que uma para pensar” –, tentáculos em vez de duas mãos, e jeito para fazer tudo. E o que não sabíamos fazer, inventávamos, martelávamos e pintávamos – a tela e a macaca – até conseguir. Éramos muito iguais, fraternais e sobretudo, livres.

A tia Teresa ensinou-nos a ser um bocadinho mais do que gente. A ir muito além do ali, na vida, na imaginação e no nosso querer, responsável e educadamente. “Quanto mais responsáveis e educados forem na vida, mais livres serão”, dizia-nos na altura de fazermos os deveres da escola ou quando nos queixávamos do Samuel, o sacristão sonso da igreja de cima, o último dos *castrati* que morava no rés-do-chão do nosso prédio e que nos atirava boquinhos e gritinhos estrepitosos por não metermos os pés na igreja. A tia Teresa ensinara-nos a rezar. Mas falávamos com Deus e Schubert ao mesmo tempo e acreditávamos que o poder e glória de Deus só poderiam ser captados através da música, da pintura, da natureza, das nossas emoções, sentimentos e intuição. A nossa igreja chamava-se Arte. E Deus, para nós, era qualquer força extraordinária e talentosa a viver algures. A curiosidade de conhecer esse algures, levou a que os meus quatro irmãos tivessem feito de tudo para ir até lá. Não, não se mataram. Emigraram todos, o Joaquim Manuel, o Frederico, o João e a Clara. Cada um seguiu o ponto cardeal da sua preferência. Ainda novos partiram para outros cantos do mundo, cheios de vontade, curiosidade, alegria, habilidades mil, gratidão, uma sandes, um sumo e uns tantos conselhos para a vida que a minha tia Teresa garantira ter embrulhado num guardanapo.

Havíamos sido muito felizes, na casa da nossa tia. Um bocadinho mais do que gente, a querer conhecer um bocadinho mais do mundo. Partiram os quatro. Fiquei eu: Maria Francisca durante o dia, Simone de Beauvoir à noite, Estrela da Liberdade Alves Faria madrugada adentro, quando me dá para fumar um cigarro e ver pela enésima vez o *Baisers volés* do François Truffaut.

Permaneci em casa da minha tia Teresa. Vi-a envelhecer. Vi-a querer ir embora. Achou que estava na hora de partir para um outro mundo. Algures. O tal ‘algures’... Mas por cá. “Ainda não me apetece muito morrer, sabes...” – dizia, a *scariphunculare* o alto da cabeça, com aqueles dedos compridos e magros que deixavam ver o azul carregado das veias. Um dia, bateu-me à porta do quarto e disse que estava de malas aviadas para ir “para uma casa muito jeitosa, cheia de velhos cheios de pinta”. Queria ser ela a ter a liberdade de decidir o seu caminho e partir, aos 80 anos. E partiu. Deixou-me a morada do tal sítio jeitoso e disse que um táxi já esperava por ela, à porta do prédio. Fiquei parva. Eram 7 da manhã. Estaria ela bem da cabeça? Claro que não... o que é isso de se estar bem da cabeça... estava a pensar ao contrário. Afinal, era a minha tia Teresa.

Estávamos em Janeiro de 2019. Um ano depois, rebenta a pandemia no mundo inteiro. Estourou no lar onde estava a tia Teresa, como um barril de pólvora e espalhou-se Covid por todas as divisões, desde as fundações da casa até ao telhado. Havia tanto Covid por toda a parte que a minha tia resolveu contrariar e foi a única a não apanhar o vírus, porque teimou que seria ela a apanhá-lo. Porque sim. Porque era a tia Teresa.

Pediram-lhe que permanecesse isolada no seu quarto, fechada a sete chaves, que seria assim bem mais seguro para ela. Trancou-se mas não se ficou por ali. Foi ‘algures’... no pensamento e ficou a magicar um milhão, três mil e dezanove maneiras de poder sair dali e de poder ver ou chegar até aos seus velhos. Dava-lhes aulas de pintura, afagava-lhes as artroses das mãos, com gestos de bondade e de curiosidade pela vulnerabilidade e concreta finitude das coisas e, particularmente, dos seres humanos. Criava cenários em papel, que serviam de toalha para as mesas. Ajudava as senhoras a fazerem penteados e encorajava os senhores a escreverem poesia como podiam e sabiam para as auxiliares que levantavam a loiça e os outros velhos de cabeça pendida e saliva a pingar. No dia em que ficou trancada no quarto, a tia Teresa achou que a vida tinha de continuar e que os velhos tinham de continuar a levar com ela. Tinha de os libertar, de alguma maneira e tinha, de múltiplas maneiras, de se libertar a si própria. E um dia telefonou-me. “Maria Francisca, liga o teu computador se faz favor. Vê o vídeo que te envie!” E eu fiquei sem perceber patavina, mas liguei o computador e caramba!, Deus Pai, Verdi e Bach da minha alma, a minha tia tinha feito um vídeo em que falava da sua preparação para a sua missão em Marte. Que raio? “Boa tarde, sou a Teresa, como sabem e vim vasculhar Marte em busca de sinais de vida extraterrestre ou de uma vacina para a Covid, quem sabe o que há por aqui no meio deste pó todo. Desde que descolei do lar, consegui para já sobreviver aos sete minutos de terror ao atravessar a atmosfera. O resto foi canja. Estou em Marte, amigos. Não percam os meus diretos a contar tudo por aqui. Subscrevam ou lá como se diz...”

Fartei-me de rir. A minha tia não existe. Só ela para se lembrar de uma coisa destas. Liguei para o lar. Passaram-me a Diretora, de imediato. “Já viu os vídeos da sua tia? Está em missão”. Vídeos? Há mais? Só vi um. “Há pelo menos uns dez. A sua tia está em missão”. Liguei o computador e a senhora estava não só com os vídeos publicados, como estava a tornar-se um caso sério de visualizações. Num dos vídeos falava das vistas de Marte

e mostrava de uma janelinha redonda, inventada por ela, uma paisagem a que chamava de Jardim de Futuros Octogenários aos saltos. Um outro vídeo explicava formas fantásticas de pintar as unhas a fazer o pino. Não sei como o fez. Depois dizia: “aguentem-se aí em baixo, mantenham-se sossegados e descansem, que o Covid vai depressa à vida dele. E depois quando eu regressar ao lar, vamos poder ver as fotografias que tirei aqui em cima, todos juntos, sim? Aguentem-se, até eu regressar”.

Os vídeos chamavam-se Tia Teresa Aterra em Marte – Missão Liberdade. Tinha visualizações que nunca mais acabavam e tinham a minha tia a divertir-se à brava. Era extraordinário o que estava a fazer por ela e sobretudo, pelos outros. A não deixá-los cair. Todos levitavam, em espaço aberto, num universo por ela criado, cheio de cores e paisagens por ela inventadas e histórias que não tinham ponta por onde se pegasse, mas que soavam tão bem. Todos, naquele lar estavam em liberdade. Ao vê-la e ouvi-la sentiam-se em missão com ela e já não queriam perder um vídeo, para saber o que ela tinha feito em Marte, a escarafunchar possibilidades e invenções, da maneira mais divertida que sabia e podia.

E as semanas foram passando e mesmo os velhos que foram parar ao hospital e alguns que já não voltaram, partiram com o sentido de missão, de liberdade conquistada, de não ter medo, porque alguém lhes ensinara a contrariar o medo, com voos de alta escala e risco.

E os que morreram, foram lembrados e a minha tia estava incansável de um todo. Pensava no que ia inventar e filmar no dia seguinte e às vezes fazia diretos às tantas da madrugada, porque de repente tinha passado por si uma nave com seres extraordinários e ela tinha mesmo de contar o que se passara, no segundo seguinte, para os velhos não perderem pitada do momento.

E os dias e semanas foram passando e a minha tia mostrava sinais de cansaço, mas não queria parar. E um dia ligaram. A minha tia tinha partido. Para onde? Desta vez foi para que planeta? Ou regressou à Terra? Minha senhora, lamento. A sua tia partiu. Mas como? Como? Ninguém me soube responder. Recebi um email nessa noite, informando que deixara um bilhete a dizer que estava feliz por todos estarem bem e que a missão dela agora era ir caçar gambuzinos num planeta distante. Que não se preocupassem. Que parecia que ela estaria de olhos fechados e fria mas era tudo mentira. Só a disfarçar o verdadeiro estado. A liberdade de escolher como e

onde estaria, seria sempre dela. E ela queria dizer que estava como nunca esteve, mais livre do que nunca. Não haveria funeral, nem despedida.

Quando fui buscar as coisas dela, disseram-me que devia haver um equívoco, que a Senhora Dona Teresa Mascarenhas estava viva e de boa saúde, no quarto dela. Teria sido ela a ligar para mim? A enviar aquele email? Tinha! “Maria Francisca, queria só ver até onde ia a tua liberdade para pensar, para sentir e aceitar. A partidinha, ensinou-me um extraterrestre antes de regressar ao lar. Agora passa-me aquela folha de papel que vou desenhar a tua cara de espanto. Preferes a carvão ou aguarela? Vá lá, liberta-te, mulher...”

The first part of the paper discusses the importance of understanding the local context in which a project is implemented. This involves a thorough analysis of the social, cultural, and economic factors that may influence the project's success or failure. It is essential to engage with the local community and stakeholders from the outset to ensure that the project is relevant and sustainable.

The second part of the paper explores the challenges of implementing a project in a resource-poor environment. Limited access to funding, skilled personnel, and infrastructure can significantly hinder progress. However, these challenges can be mitigated through creative problem-solving and the use of local resources and expertise.

The third part of the paper focuses on the importance of monitoring and evaluation (M&E) in project implementation. Regular M&E allows project managers to track progress, identify potential issues early on, and make necessary adjustments to the project plan. This ensures that the project remains on track and achieves its intended goals.

The fourth part of the paper discusses the role of communication in project implementation. Effective communication is crucial for building trust, fostering collaboration, and ensuring that all stakeholders are informed and engaged throughout the project lifecycle.

The fifth part of the paper provides a summary of the key findings and offers recommendations for future project implementation. It emphasizes the need for a holistic approach that considers all aspects of the project, from planning to evaluation, to ensure long-term success.



Município
Palmela